

# **CONTOS PATÉTICOS**

**LUCI BUFF**

Editora Penalux  
*Guaratinguetá, 2023*



# Os fios da desmemória

ADEMIR DEMARCHI

Concluída a leitura dos contos deste livro, Luci Buff nos faz retornar ao seu título: por que “patéticos”? Feita a reflexão, a experiência de atravessá-los na leitura se confirma em alguns dos sentidos sugeridos pelo dicionário: capazes de sentir, sensíveis; comoventes, tocantes, dramáticos.

Se esses sinônimos se alternam ou se combinam nos vários textos, conforme a mão da narradora nos vai levando, é no último deles, “Ausência”, que todos se somam para afetar o leitor, quase que de modo inesperado. Isso porque, se os dramas presentes nos contos anteriores vão alternando percepções em variações de potência, no último isso se dá de forma distinta, pois alcança intensidade máxima. O impacto de uma semelhança entre uma figura de homem rapidamente entrevista e outra, daquele que se foi, abre as portas da memória, conjuga emoção e impotência, logo, impossibilidade de agir, uma vez que é da finitude que nos é intrínseca que se trata, refletida na perda de alguém muito próximo, rememorada anos após, por uma coincidência que desperta a recordação e, provocando a memória, leva à narrativa.

Essa pode ser uma das chaves de leitura da escrita de Luci que, no segundo conto do livro, “Dois mundos”, em uma epígrafe,

sinaliza a possibilidade de inter-relacionamento de todos os relatos por esse viés: a recordação dos fatos registrados na memória. Essa epígrafe é de Walter Benjamin, quando escreve sobre Proust: “Aprendi que o acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Assim a recordação de um fato traria, em um instante, toda uma vida, como um fio puxado que mobiliza toda a trama de uma roupa, já que são ilimitadas as possibilidades de conexões da memória”.

Não à toa, portanto, o conto “Figura sinistra” é narrado como um filme, sendo relacionado com *La dolce vita*, de Fellini, o mestre da transfiguração da memória em imagem, transformando o vivido num espetáculo distendido para cinéfilos. Essa mutação de lembranças em encenações é um recurso usado de forma eficiente e recorrente pela autora, como uma experiência espetacularizada de ver e de narrar que funciona para o leitor como se ele estivesse assistindo uma cena ou até mesmo olhando uma paisagem. Assim, por todos os contos se busca esse modo de experiência, sendo exemplar o caso do conto “Pierrot Lunaire”, em que se acompanha um casal que dança em profunda sintonia, a ponto de atrair sobre si a atenção de todos os presentes, num crescendo magnético que vai do êxtase ao trágico delírio febril do personagem masculino.

O recurso à memória que interliga todos os contos se configura como tensão, equilibrando-se num fio tênue como num balanço entre a consciência e a inconsciência, a sanidade e a loucura, a ocultação e a revelação, a perda e a tentativa de recuperação... Veja-se o caso da personagem de “Dois mundos” que, em sonho, após muitos anos, volta a morar na casa da infância como que para



reapropriar-se de algo perdido, pois retorna para “morar na memória” dos pais e seus muitos filhos.

É assim que, sendo a memória o centro propulsor das narrativas, ela se insurge o tempo todo como tema e como um fato precário, perdido, que se impõe recuperar. Daí a profusão de personagens que perdem a razão, como em *Pierrot Lunaire*, ou ficam loucas, como em *Dois Mundos*, e ainda o personagem espectral e insano de “Figura sinistra”. Em “Praia deserta”, o transe das filhas de santo se associa à insanidade e ao demônio na mente de uma mãe preocupada em proteger suas crianças. No conto “Sapateiro maluco”, já no título se explicita essa condição de “enlouquecido que vagava pelas ruas do bairro”. O conto “A menina e a Guerra”, por sua vez, trata da geração pós-1945, sujeita a depressão, luto, trauma, e tentativas vãs de apagamento da memória e de um pai que lutou no conflito e vive a rememorar, “mil vezes repetida” uma mesma história.

De conto em conto, Luci puxa os fios e vai tecendo de forma transcendente essa manta em que se transforma o livro, como um acalanto que poderia embalar todos os seus personagens em seu sono momentaneamente perdido, cujos sonhos são expostos nas narrativas.

ADEMIR DEMARCHI nasceu em 1960 em Maringá e reside em Santos. Publicou os livros de poemas *Os mortos na sala de jantar*; *Pirão de sereia*; *Cemitério da Filosofia*; *Gambiarra - uma pinguela para o futuro do pretérito*; *In Fuck We Trust*; *Baile de máscaras/Odiário da peste*; *Antologia Impessoal* e os livros de ensaios *Espan-talhos* e *Contrapoéticas*, entre outros; editou 15 edições impressas da revista de poesia *Babel*.



## Pierrot Lunaire

Lua cheia. No auditório de veludo vermelho daquele palacete da cidade, já se ouvia o som envolvente do *swing* da banda de jazz. Vibravam seus metais, piano, bateria. A voz da cantora pairava na sala.

Num impulso súbito, um moço alto de paletó, corpo atlético, levanta-se com sua *partner* e começam a dançar. O par circunda o local estreito entre a plateia e o palco.

A dama franzina, de olhos claros, tinha um rosto luminoso. Trajava vestes etéreas, como as das deusas clássicas. Sua idade não tinha tempo. Ela fixava seu olhar no corpo todo do parceiro, acompanhando-o com cuidado. O par deslizava numa atmosfera de entusiasmo. O rosto do moço era sombreado por um chapéu do tipo Panamá, fazendo com que suas feições, acima do nariz, ficassem numa certa penumbra.

O par se conectava pelas mãos estendidas e fechadas entre eles. A dama conduzia. Não havia o abraço da dança, em nenhum instante. Notava-se que dançavam juntos há muito tempo, pois era grande o entrosamento dos parceiros. As pessoas acompanhavam o show da banda e o curioso *swing* do casal.

A banda também parecia acompanhar o movimento dos bailarinos, tamanha era a atração que o par exercia com suas

improvisações. Era visível o intenso prazer dos corpos nos movimentos da música. A ele se entregavam. Os dançarinos pareciam estar sozinhos.

Algo de extraordinário, num certo estado de latência, envolvia aquelas figuras que dançavam. Uma espécie de círculo mágico com aura de mistério.

Estaria aquele espaço nomeado como *Pierrot Lunaire* sob o signo da instabilidade e metamorfoses de Pierrot, segundo as máscaras que escolhe, as variações da Lua e oscilações de sua luz? Aquele móbile moderno, cuja imagem encarnava o Pierrot Lunaire, e que flutuava o tempo todo no palco, já lembrava bem à plateia suas múltiplas facetas, com suas tantas caras de cera. De palhaço brincalhão a perverso, era capaz de ardilosas profanações, crimes, paixões, atrocidades. Tudo isso já era anunciado para as almas mais sensíveis. Algo de soturno e desesperado enfeitiçava o auditório aquela noite, quase de maneira trágica.

Os dançarinos subiam e desciam na pauta musical, no ritmo cadenciado da melodia, de forma a chegarem a um estado visível de profundo êxtase, ao qual ninguém poderia ficar indiferente.

A embriaguez, especialmente do cavalheiro, manifestava-se com altos risos e sons de gozo, que estalavam nos metais da banda e passaram a ser o foco central da sala. A plateia eufórica se divertia.

Mas logo em seguida, como se uma nuvem de borboletas negras pairasse sobre o auditório, uma espécie de delírio febril apossou-se do dançarino. Seguiram-se seus gritos selvagens, fortíssimos, verdadeiros uivos violentos. Sons de furor que pareciam vir dos subterrâneos de uma prisão, de um asilo de loucos, de grandes animais feridos. Era a voz dos desesperados, de sofrimentos terríveis,



mim já estava morto. Dei-lhe um beijo na boca, acariciei sua cabeça, seu cabelo, tentei colocá-lo em melhor posição (ele já tinha aquele peso imenso dos mortos). Dei-lhe outro beijo na boca, que ainda estava quente, senti os seus dentes, o cheiro tão familiar e acolhedor. Era uma despedida tardia. Como a medicina poderia reverter aquele estado? Queria acreditar. Mas sabia que estava morto. Era impossível voltar à vida.

Sozinha, seguia maquinalmente as instruções do telefone de socorro. Meu vestido de festa em cima da cama, bem passado.

Nosso filho, fora da cidade. Sabia e não queria saber que estava morto. Após cortarem sua camisa no hospital, não demorou muito o anúncio de que ele já dera entrada ali sem vida. Infarte fulminante do miocárdio.

Eu, sem direção, num choro que nunca havia chorado por ninguém. Aquele do irreversível, do nunca mais, a não ser em portas de armário abertas, quando ele decide reaparecer. Aquele seu paletó azul marinho ainda está pendurado no cabide. Seus últimos momentos de vida, filmados quando chegou na subida do elevador, estão numa fita, que continua no bolso do paletó marinho. Está lá, intocável. Nunca pude ver.

## LEONARDO GOTLEYB

Nasceu em 1958 em Resistencia, Chaco (Argentina). Vive e trabalha em Buenos Aires. Possui licenciatura em Artes Visuais pela Prilidiano Pueyrredon, atual UNA. Recebeu mais de cem prêmios nacionais, incluindo o Grande Prêmio de Honra do Salão Nacional, o Prêmio Municipal Manuel Belgrano e o Prêmio Chandon de Gravura. O *Honorable Senado de la Nación* lhe concedeu o Prêmio à Excelência em 2007. PRÊMIOS INTERNACIONAIS: Desde 1987 foi selecionado em mais de cem Bienais na América, Europa e Ásia, recebendo 19 prêmios internacionais. Em 2018, recebeu o PRÊMIO ESPECIAL por sua notável contribuição à Arte Gráfica no mundo durante a 9ª Trienal Internacional de Artes Gráficas Bitola, República da Macedônia do Norte (antiga Iugoslávia).



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Granjon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em julho de 2023.

---